

Um Panorama do Ensino da Leitura no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Profª. Maria Teresa de Jesus Castro Teles, na cidade de Buriti dos Lopes – PI.

Victor Henrique de Sousa Araújo*

Orientador: Prof. Especialista Jesimiel Amaral de Sousa**

RESUMO

A prática de leitura, em sala de aula, é motivo de discussão e estudo de pesquisadores, uma vez que há uma grande defasagem de conhecimento teórico-metodológico sobre esses processos. Esta pesquisa, subsidiada na perspectiva sócio-histórica de ensino e aprendizagem, com pressupostos de Bakhtin (1992) e Vygotsky (1997), teve o objetivo de verificar como as abordagens de ensino de leitura, propostas a partir dos princípios teóricos da Linguística da Enunciação e da Linguística Aplicada, através da concepção interacionista de linguagem, são implementadas e efetivadas no 9º Ano do Ensino Fundamental, de uma escola pública, em Buriti dos Lopes – PI. Para a realização da pesquisa, durante dois meses foram realizadas observações, em sala, registrando-as em um diário de campo. Diante dos registros coletados das aulas, selecionou-se uma amostra representativa de uma das práticas de leitura, observando os elementos responsáveis pelo seu ensino e aprendizagem, a fim de verificar se a prática de sala de aula condiz com a teoria que a subsidia, identificando as ocorrências de internalização da escrita no último ano do ensino fundamental.

Palavras-chave: Leitura. Prática. Ensino.

* Aluno do Curso de Licenciatura em Biologia, pela Universidade Federal do Piauí – UFPI, Campus de Parnaíba.

** Graduada em Letras – Português(UESPI); Especialista em Educação do Campo (ISEAF).

ABSTRACT

The reading practice in classroom is reason of discussion and study of researchers, once that there is a big discrepancy of theoretical methodological knowledge about these processes. This research, subsidized under the perspective historic-social of teaching learning, with Bakhtin and Vigosky's assumptions, had the objective to verify as approaches of reading teaching, proposals from the theoretical principles of Enunciation Linguistic and Applied Linguistic, through the conception integrationist of language, are implemented and effective at 9th grade in Elementary School, in a public school, in Buriti dos Lopes – PI. To the realization from this research, during two months, observations were performed, in classroom, registering it on a field diary. Before the classes' registers collected, a representative sample was selected of one reading practice, observing the responsible elements for its teaching and learning, to verify if the classroom practice matches with the theory which subsidizes it, identifying the occurrences of writing internalization in the last year from the Elementary School.

Key words: Reading. Practice. Teaching.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho tem como tema O Ensino da Leitura no 9º Ano do Ensino Fundamental na Escola Municipal Professora Maria Teresa de Jesus Castro Teles, na cidade de Buriti dos Lopes – PI; da rede pública, que trata da problemática da leitura, que representa um importante instrumento de compreensão do mundo, objetivando analisar como os alunos se relacionam com a leitura, verificar como os professores estão trabalhando a leitura em sala de aula, refletir sobre o hábito da leitura entre os alunos do ensino fundamental II.

Para fundamentar esse estudo recorreremos a vários teóricos que tratam sobre este assunto entre eles pode-se destacar: Freire (1997); Ferreiro (1999); Kato (1998), entre outros.

A metodologia utilizada foi um questionário aplicado entre professores, alunos e gestores, a análise feita consta em três blocos, sendo que o primeiro grupo é dos alunos, o segundo grupo é dos professores e o terceiro grupo dos gestores, a fim de descobrir opiniões de dados descritivos relacionado a temática. Para desenvolver uma pesquisa qualitativa é preciso analisar cada situação, relações, causas, efeitos e consequências, significados e outros

aspectos considerados necessários à compreensão da realidade estudada, para a partir daí conhecer a importância do estímulo pela leitura.

Segundo pesquisas, na faixa etária de 0 a 6 anos as crianças devem ser incentivadas a terem o contato com a leitura, até mesmo a família pode e deve ser estimuladora no processo de interesse dos seus filhos. E como torná-lo interessado? Nessa fase, a criança gosta muito de historinhas e os pais sempre devem ler uma história para a criança, para assim estimular seu filho à leitura.

Além disso, existem várias outras formas estimuladoras no processo de interesse pela leitura, todavia muitas vezes os pais não sabem ler. Antes mesmo de aprender a ler a criança já traz um conhecimento de mundo, que chamado de leitura incidental, como, por exemplo, ela não sabe ler a palavra, contudo associa o objeto ao seu rótulo, ela já está lendo embora não domine o código linguístico.

Na fase do ensino fundamental que é o campo de pesquisa deste estudo, descobriu-se que os professores podem e devem incentivar os alunos ao processo de interesse pela leitura. Trabalhando várias formas de textos disponíveis o aluno conseguirá ler desde os rótulos dos produtos, jornais, revistas, entre outros.

Diante dessa afirmação, compreende-se o verdadeiro significado de leitura e percebe-se que ler não é meramente decifrar os códigos linguísticos, mas também compreendê-los de forma com que os mesmos formem um significante. O ato de ler é bem mais que a definição da palavra propriamente dita, é entender, é interpretar, é debater, é comparar, é influenciar e ser influenciado, é propagar e é sentir o que o escritor tenta, através da escrita, demonstrar o que quer, o que sabe, o que pensa, o que imagina.

Paulo Freire (1981, p. 12) complementa esse pensamento, ao dizer que crer que muito de nossa insistência, enquanto professoras e professores, em que os estudantes "leiam", num semestre, um sem-número de capítulos de livros, reside na compreensão errônea que às vezes temos do ato de ler. E em suas andanças pelo mundo, não foram poucas as vezes que jovens estudantes lhe falaram de sua luta às voltas com extensas bibliografias a serem muito mais "devorados" do que realmente lidos ou estudados.

A partir desse pensamento compreende-se que devemos ler sempre e seriamente livros que nos interessem, que nos ajude na mudança da nossa prática, que possamos realmente ler, procurando nos aprofundar nos textos. Freire deixou bem claro que a leitura não deve ser memorizada mecanicamente, mas sim, desafiadora, que nos ajude a pensar e observar a realidade em que vivemos.

2. A LEITURA NUMA VISÃO INTERACIONISTA

De acordo com, Ivel (1991), dois paradigmas básicos têm sido usado para descrever a aquisição da leitura. Em um deles o processo da leitura é visto de uma mesma forma tanto em relação ao leitor experiente quanto aos inexperientes. Para ambos os leitores enfatiza-se a sua realização se o conhecimento do mundo e da língua são vistos, como fatores primários que distinguem bons e maus leitores.

O segundo paradigma baseia-se no pressuposto de que existem diferenças qualitativas nos processos de leitura entre leitores experientes e inexperientes. As diferenças qualitativas emergem à proporção que o leitor adquire novas e mais eficientes maneiras de identificar palavras impressas. Supõe-se que as diferenças nessa identificação relacionam-se ao conhecimento sobre ortografia do que ao desenvolvimento do conhecimento sintático ou semântico. Esta visão tem gerado modelos que descrevem estágios de leitura constituída por momentos qualitativamente diferentes do processo de identificar palavras impressas.

O objetivo da leitura em ambos os paradigmas é a construção do significado. Eles diferem acerca do modo pelo qual essa compreensão é alcançada. O primeiro sugere que o leitor é bem sucedido em usar um mínimo de informações gráficas. O segundo paradigma, em contrastes sugere o crescimento do uso rápido e eficiente do máximo de informação ortográfica para alcançar uma melhor compreensão. A criança progride por meio de estágios em que a informação gráfica é usada cada vez mais rápida e eficiente para identificar palavras expressas.

Do ponto de vista cognitivo o significado de leitura para as atividades das crianças são “leitura de experiência”, tendo em vista que quando a criança leva um objeto à boca, quando agarra, puxa e encaixa objetos e ainda quando ouve e imita sons entre outros ela está lendo o mundo que a cerca. Toda criança possui um esquema de absorção que passa por uma série de transformações de acordo com a etapa de desenvolvimento que atravessa. Nos primeiros anos ele é distintamente sensório-motor e simbólico, ou seja, muitas das experiências que a criança realiza, torna-se essencial para o seu desenvolvimento cognitivo e, logo para a aprendizagem.

Ler e escrever é essencial, mas compreender que ler e escrever constitui apenas uma etapa do desenvolvimento e que, sem uma firme base anterior (muitas experiências, de vocabulário entre outros) será mais difícil de alcançar.

Por esta razão é importante reiniciar todas as etapas anteriores do desenvolvimento à criança e proporcionar valores significativos, que levem a criança se

envolver intensamente buscando o verdadeiro sentido da importância do ato de ler. Sem esse envolvimento a possibilidade seria menor em entender o verdadeiro significado da leitura.

É um processo construtivo, coletivo e que resulta no sistema linguístico e comunicativo utilizado por um povo. Entretanto, a sociedade constrói por meio da interação sua realidade sócio-cultural da qual a escola faz parte, cabendo a esta enquanto instituição social, o ensino da língua materna. Segundo Ferreira (1987): “A leitura e a escrita tem sido tradicionalmente considerados como objeto de uma instrução sistemática”. (p. 420.)

Portanto a leitura e a escrita desde o início das civilizações têm sido de fundamental importância na vida dos indivíduos e da sociedade como todo, porque constitui um processo de organização lógica do raciocínio do ser humano, tal como algo que pretendemos atingir por meio do ensino sistemático. Sendo assim o valor significativo das letras.

O processo da leitura é contínuo e gradativo, podendo ser anterior a entrada da criança na escola, desde que ela tenha contato com matéria escrita que circula na sociedade. O contato com todo tipo de material escrito influencia diretamente na intimidade no desejo de interagir com a língua escrita, ao mesmo tempo em que desperta na criança o interesse pela leitura.

Nesse contexto, a função da escola não é ensinar a criança a falar. Essa capacidade ela já traz ao ingressar na escola. O desenvolvimento da língua oral ocorre na comunicação diária não havendo a necessidade de uma ação sistemática e dirigida.

No entanto, a função da escola se faz presente em possibilitar o desenvolvimento da capacidade de produção oral e escrita que o aluno possui constituindo-se num ambiente que acolha a vez e a voz do aluno respeitando-o diferença e a diversidade. Dependem, sobretudo, da escola ensinar-lhe os usos e forma de fala adequada as diferentes atuações na vida.

3. A LEITURA NUMA PERSPECTIVA SOCIAL E POLÍTICA

Abordar o tema leitura sobre o aspecto de uma compreensão crítica do ato de ler, consiste em uma tarefa que envolve todo processo pelo qual devemos compreender que o desenvolvimento da importância do ato de ler deva ser uma prática pedagógica.

“Falar sobre esse assunto é algo bastante complexo, já que a leitura é fundamental na vida das pessoas, pois é somente através da leitura que nós podemos conhecer outras realidades, outros pensamentos e tipos de culturas através da leitura é que você cria outros pensamentos, ou seja, reconstruí e produz a partir de algo que você deu outras idéias. “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a

posteriori leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”.
(FREIRE, 1997, 18).

A compreensão do texto vai depender do contexto em que está inserido o leitor, pois é a partir daí que o leitor vai poder formular seus questionamentos e, afirmar uma construção de novas idéias baseadas em realidade coerente e de experiências adquiridas.

Segundo Paulo Freire:

“[...] da palavra mundo” a retomada da infância distante buscando compreensão do meu ato de ler o mundo particular em que me movia – e até onde não sou traído pela memória – me é absolutamente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio e revivo no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Na verdade, aquele mundo especial se dava a mim como um mundo de minha atividade perceptiva, por isso mesmo como o mundo de minhas primeiras leituras. Os “textos” as “palavras” e as letras daquele contexto – em cuja percepção me experimentava e quanto mais o fazia, mais aumentava a capacidade de perceber – se encarnavam numa série de coisas, objetos de sinais cuja compreensão eu ia aprendendo no meu trato com eles nas minhas relações com meus irmãos mais velhos e com meus pais”. (FREIRE, 1982, p.12-3).

Diz ainda que:

“Daquele contexto – o do mundo imediato – fazia parte por outro lado, o universo da linguagem dos mais velhos, comunicando as suas convicções, seus gestos, suas incertezas, os seus valores. Tudo isso ligado ao contexto mais vasto que o do seu mundo imediato e de cuja existência não podia sequer suspeitar”. (FREIRE, 1982, p.14)

A importância do ato de ler contribui para a conscientização política que está muito ligado a leitura não só de “textos” escritos, mas à leitura da realidade em que o rodeia, ou seja, tudo que faz parte da convivência do seu dia a dia, está inserida no contexto da leitura desde sua própria casa e até mesmo familiares seu desenvolvimento desde a infância até chegar a vida adulta, lembrado momentos essenciais da vida da infância e da adolescência.

Nesse sentido é importante fazer escolha de textos que fazem parte do contexto do aluno, pois só assim, podem ser capazes de questionar sobre aquela realidade já que a mesma estaria relacionada a perspectiva futura, esse é um ato político que possibilita a percepção crítica do leitor.

Descobrir as causas as quais os alunos não gostam de ler, muitas vezes se deparam com leitura altamente filosófica que requer de certa forma um grande esforço para a

que o mesmo possa compreender as ideias contidas naquele texto e possa se manifestar certo desinteresse.

O que se percebe é que atualmente existe um grande avanço em relação a leitura porque antes os alunos tinham que memorizar mecanicamente e não procurar produzir o novo a partir do velho, mas aprender a sua significação profunda, pelo fato de memorizar mecanicamente revelar uma visão mágica da palavra escrita. “Visão que urge ser superada”. A mesma ainda representa, desde outro ângulo, que se encontra, por exemplo, em quem escreve.

O conceito de leitura enquanto prática social vai muito além da simples decodificação da linguagem verbal escrita, pois nele está inserido a ideia de que ler é atribuir sentido ao texto, relacionando-o com o contexto e com as experiências prévias do sujeito leitor. Nesse sentido, cabe afirmar que esse tipo de leitura sempre será precedida de uma finalidade concreta, que atenderá a um objetivo presente no contexto real em que o leitor está inserido. A leitura como prática social é um meio que poderá conduzir o leitor a resolver um problema prático, responder a um objetivo concreto ou a uma necessidade pessoal.

Portanto, para que o sujeito leitor possa fazer o uso social da leitura não bastará apenas que ele seja alfabetizado, no sentido de apenas ter adquirido as habilidades necessárias para saber decodificar a linguagem escrita, porém se faz necessário que além de ser alfabetizado ele seja também letrado.

4. ANÁLISE DO PROCESSAMENTO DAS ATIVIDADES DE LEITURA NA ESCOLA PROF^a. MARIA TERESA DE JESUS CASTRO TELES

As observações feitas por meio de conversas informais com alguns alunos da Escola Municipal Prof^a. Maria Teresa de Jesus Castro Teles, percebeu-se que há um envolvimento bastante significativo entre os professores e as novas formas de despertar o gosto pela leitura. Os alunos explanaram que as atividades estão mais dinâmicas e que estão mais participativos no processo de ensino e aprendizagem.

O ato de ler consiste em relacionar o novo ao conhecimento, ligando as informações novas das mensagens escritas. As informações estocadas na memória do leitor. Essas duas fontes de informações são usadas. Desse modo, precisamos adquirir uma consciência de como envolver os estudantes na participação da leitura, um incentivo que nasce do próprio ser atuante na sociedade, que não fosse algo forçado, mas prazeroso, que os leitores sentissem prazer de ler.

4.1. ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO

A Escola Municipal de 1º e 2º Graus Professora Maria Teresa de Jesus Castro Teles, foi construída no final da década de 1990. A citada escola está localizada na rua Demerval Castelo Branco Diniz, nº. 202, na cidade de Buriti dos Lopes, na região norte do Estado do Piauí, cuja cidade tem como principais atividades econômicas o bordado, a pesca e com ênfase o cultivo do arroz na lagoa grande de Buriti dos Lopes, sendo esta a 3ª maior lagoa do Estado do Piauí.

A escola foi construída com recursos próprios do município, estando situada num terreno de 525,5 metros quadrados, dispondo ainda de espaço físico para sua expansão. A estrutura física da escola é constituída de 23 dependências, sendo 11 salas de aula, 01 diretoria, 01 laboratório de informática, 01 cantina, 01 depósito para merenda, 06 banheiros com 18 sanitários, 01 sala de vídeo, 01 cozinha, 01 biblioteca, 01 bloco em que funciona 01 secretaria, 01 sala de leitura e 01 sala Museu da Alfabetização. A escola conta com um quadro de 32 professores, destes, 30 com curso superior completo, 01 com superior incompleto e 01 com curso pedagógico.

Quando a pesquisa foi feita (2012), a escola contava com uma matrícula de 840 alunos, distribuídos nos três turnos, em salas de Ensino Fundamental e EJA. No quadro administrativo, 01 diretora, 02 coordenadores, 01 secretaria, 04 auxiliares de secretaria, 06 zeladores e 03 vigias. O ensino é de boa qualidade, porém há diversos fatores que se forem superados poderão contribuir para a melhoria da educação oferecida. A escola tem por missão contribuir para a formação do educando com uma constante melhoria voltada para a educação democrática, que ajude a despertar a consciência de sua própria dignidade, capacidade na construção de sua história e exercício da cidadania.

Para a realização da pesquisa, utilizou-se quatro alunos, dois professores e dois gestores, sendo que os alunos foi escolhidos aleatoriamente pelo pesquisador.

4.1.1. A Visão dos Alunos

A pesquisa realizada com os alunos do 9º Ano do ensino fundamental da Escola Municipal Profª. Maria Teresa de Jesus Castro Teles, pretendia saber o que eles entendiam por leitura, já que era o assunto focalizado pelo pesquisador, e diante das respostas percebeu-se que dos quatro alunos pesquisados o que eles mais deram ênfase foi a questão da

importância que tem a leitura para os mesmos, isso pode-se constatar na seguinte versão: “A leitura é muito importante para todos nós sabermos o que acontece no nosso mundo e sem informação não podemos ter opinião”.(FSF).

Esta realidade está presente no dia a dia da escola, porque o fato de não saber ler dificulta até mesmo o ingresso no mercado de trabalho, afinal, a leitura é de extrema importância para a resolução de muitas coisas no meio em o indivíduo pretende inserir-se (grifo nosso).

O que interessava saber a respeito de leitura era justamente se eles gostavam de ler ou não e por quê? Entretanto concluiu-se que dentre as respostas o que eles queriam transmitir era uma mensagem de otimismo, que muito embora se perceba que eles não gostam de ler, fizeram questão de dizer que realmente gostavam de ler, porque é através da leitura que uma pessoa se desenvolve.

“O certo é que realmente grande parte do nosso desenvolvimento intelectual está no fato de uma pessoa ler muito, entre as respostas destacadas. Venho dá ênfase na seguinte: “Sim, porque é através da leitura que, a gente se desenvolve, etc.” (RIO A).

Outro questionamento focaliza a questão como está sendo desenvolvida a leitura na escola dos mesmos, se havia participação de todos, se realmente havia interesse tanto por parte do corpo docente como discente? E o que pode-se perceber entre as respostas dadas é que estava sendo desenvolvida com muita força de vontade por todos como é possível confirmar com base da seguinte citação: “Com muita força de vontade e interesse dos alunos”. (FSF)

Quis-se saber, também, como os professores trabalhavam a leitura na sala de aula. Nesse sentido, os alunos se posicionaram mais a respeito da leitura que era trabalhada de forma variada, ou seja, a leitura individual com diversos textos, tornando assim as aulas mais atrativas e estimuladoras pela leitura: “Eles sempre trazem textos para a sala de aula para que possamos trabalhar com eles. Isso sempre com interesse em nos tornar pessoas capazes”. (FSF). A estimulação com textos diversos sempre é maravilhoso, surte efeitos que os próprios docentes ficam admirados.

É de competência do professor se utilizar de métodos que estimule a leitura. Então, se o professor no ensino fundamental II está utilizando diversos textos como forma de incentivo à leitura, já é um passo, mas não é suficiente, porque existem mais formas que estimulam o processo de ensino-aprendizagem da leitura.

Questionou-se, ainda, se leitura estava interessada em saber diversos detalhes sobre a realidade dos alunos, inclusive em relação a família e se a mesma incentiva a leitura, e de que forma, portanto constatou-se que os alunos falavam mais que suas famílias, incentivavam bastante: “*Sim, todos gostavam de ler e sempre dão força para que sempre eu nunca desista da leitura*”. (MOA)

Outro aspecto questionado, era se na escola destes alunos pesquisados existia algum trabalho que envolvesse todos sobre a leitura, constatou-se que na realidade eles deram um sim, porque, segundo os mesmos, o fato de se estudar está ligado a questão do ensino-aprendizagem da leitura: “*Sim, existem vários trabalhos que envolvem todos sobre a leitura*”. (RIO.A)

Diante dos fatos apresentados, existem vários trabalhos que os alunos acabam se envolvendo na leitura, mas não é projeto específico, apesar da escola possuir uma sala exclusiva para tal finalidade.

4.1.2. A Visão do Professor

Trabalhar a visão do professor torna-se importante desde quando procura-se comparar as respostas dos alunos com as do docente, uma vez que, muitas das vezes, não acontece uma avaliação diária desse professor com a finalidade de saber se há um retorno daquilo que estar sendo ensinado.

Inicialmente o questionário dos professores queria saber quantos anos os mesmos lecionavam, foram entrevistados dois e utilizar-se-ão siglas, afim de que permaneçam no anonimato, sendo que, o (MSA), trabalha há 35anos e o (LAS) há 15 anos.

Na segunda análise queria saber há quanto tempo os mesmos trabalhavam na referida instituição, sendo que o (MSA) há 20 anos e o (LAS) há 13 anos.

A diferença aí percebida de um para o outro é de sete anos. A terceira análise pretendia saber sobre as disciplinas que os professores lecionavam, sendo que o (MSA) Língua Portuguesa e Arte e o (LAS) Língua Portuguesa.

Em seguida, a intenção era descobrir e refletir sobre como devemos estimular a leitura, entre as opiniões dadas, pude perceber que os professores ressaltaram a questão da variedade de texto proposto em sala de aula. Também promover seminários e oficinas, é uma forma de incentivar o próprio professor gostar de ler: “*Lendo com os alunos, levando para sala de aula textos agradáveis e interessantes, poemas promovendo seminários e oficinas de leitura*”. (LAS).

Na realidade o professor ressaltou a questão de promover seminários porque é uma das formas do aluno ler mais, pesquisar e apresentar, todavia não é suficiente, o professor tem que ler textos mais teóricos que falam sobre esse assunto.

A quinta pergunta queria saber qual era o significado de ler para eles, entretanto falaram pouco a respeito desse significado: “Ler é entender além da escrita, é entender o contexto não apenas o texto”. (MSA). (Grifo da professora investigada).

Percebeu-se que ler é saber interpretar o texto e mais ainda saber em qual contexto o texto está inserido e não apenas ler por ler mas dizer o que aquele texto quis transmitir.

A sexta pergunta tenta saber qual é a postura do professor diante de um aluno com dificuldade na leitura, diante das respostas dadas pude perceber que os dois professores tentam estimular com textos considerados fáceis de entender. “Dar maior atenção, procurando fazer com que mesmo se interesse, mostrando as vantagens”. (LAS).

O fato de “dar maior atenção” não é suficiente porque o professor, antes de qualquer coisa, tem que procurar desenvolver no aluno atividades que estimulem tal hábito.

A sétima pergunta especulava a respeito do que os professores achavam sobre os seus alunos gostarem de ler e por quê. E diante das respostas dadas percebeu-se que os professores se posicionavam de forma negativa, tanto é que os mesmos acham que realmente os alunos não gostam de ler: “Não. Porque a maioria não foi estimulada”. (MSA).

Então, se os mesmos não receberam estímulos porque não os professores estimularem? Afinal, se os mesmos não foram estimulados, o docente, como orientador, não deve cruzar os braços e sim procurar mecanismos que os estimulem.

A oitava reflexão indagava sobre a formação dos professores se realmente os mesmos tinham formação adequada para trabalharem a leitura; e diante das respostas dadas podemos perceber que os professores têm formação específica (Licenciatura Plena em Letras – Português e com Especialização na área), e ainda estão imbuídos de propósitos para atingir esse fim: trabalham com projetos de leitura.

A pesquisa realizada entre os professores pretendia saber ainda se existem projetos que desenvolvessem o hábito da leitura e a resposta foi positiva e que a escola ajudava no possível.

A décima reflexão queria saber qual era a opinião dos professores acerca do envolvimento da família no processo de leitura, junto com a escola, a partir daí percebi que os professores tinham a intenção de conscientizar-se sobre a importância de tal fato: “Fazendo uma conscientização da importância da leitura juntamente com os pais e elaborando projetos”. (LAS).

Pelo visto, percebe-se que são poucas as informações que não condizem, tanto nas dos alunos, como nas dos professores. Isso é bom, afinal, os dois lados trabalham em consonância e perfeita harmonia.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura, como prática social, pode ser ensinada em situações em que a turma toda participe, comentando o que foi lido, levantando e explicitando hipóteses, debatendo ideias. Atitudes como essas compõem o chamado comportamento leitor, capaz de ser desenvolvido desde muito cedo com a ajuda dos mais experientes. A figura de pais e professores é fundamental, pois eles assumem o papel de condutores de seus ouvintes para um mundo fantástico. Nas palavras da psicolinguista argentina Emilia Ferreiro (1999. P. 24), "a leitura é um momento mágico, pois o interpretante informa à criança, ao efetuar essa ação aparentemente banal, que chamamos de 'um ato de leitura', que essas marcas têm poderes especiais: basta olhá-las para produzir linguagem".

É preciso, porém, ter em mente a intenção da leitura. Não basta simplesmente fazer uma sessão por dia sem propósito comunicativo. "Quando o professor lê, tem de considerar sua ação como prática social que entretém, emociona, informa e diverte. Mas também deve estar ciente dos objetivos didáticos a que ela se destina - por exemplo, diferenciar a linguagem escrita da falada ou conhecer o estilo de um autor", afirma Célia Prudêncio, formadora do Programa Ler e Escrever, do governo do estado de São Paulo. Segundo ela, se os objetivos não estiverem claros, a leitura, por si só, não dá conta de alavancar o processo de alfabetização, pois faltam os procedimentos necessários à mediação entre o professor, os alunos e a linguagem escrita.

Pelo exposto, constata-se que a pesquisa é de grande relevância porque procura não só detectar problemas, mas também buscar soluções. Os resultados não foram diferentes dos esperados, até mesmo pelo fato de haver um conhecimento superficial do pesquisador dentro da escola investigada, com isso, deve-se dizer que o resultado da pesquisa foi alcançado e que, também, uma vez encontrados os problemas, partir-se-á, doravante para a resolução dos mesmos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BAKHTIN, Mikhail. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BARBOSA, Jacqueline Peixoto. Do professor suposto pelos PCNs ao professor real de língua portuguesa: são os PCNs praticáveis? ROJO, Roxane (Org.). *A prática de linguagem em sala de aula: praticando os PCNs*. São Paulo: EDUC; Campinas: Mercado das Letras, 2000. p. 149-182.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Hábito de ler**. São Paulo, 1982.

FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. **Psicogênese da Língua Escrita**. Porto Alegre. Artmed, 1999.

GUSDORF, Georges. **Porquoides professores – Pour une pedagogia**, Paris, Payot, 1996, p. 143.

KATO, Mary Aet al. **Estudos em Alfabetização**. Campinas, SP. Pontes; Juiz de Fora, MG. Editora da Universidade Federal de Juiz de Fora, 1998.

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de Leitura**. 5ª ed. São Paulo, 1997.

NASPOLINE, Ana Tereza. **Didática de Português: Tijolo por Tijolo: Leitura e Produção Escrita**. São Paulo: FTD, 1996.

PARÂMETROS curriculares nacionais de língua portuguesa. Terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental. Disponível em: <<http://mecsrv04.mec.gov.br/sef/estrut2/pcn/pdf/portugues.pdf>>. Acesso em: 10 dez. 2012.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a Ler e a Escreve uma Proposta Construtivista**. Porto alegre. Artmed. 2003.

VYGOTSKY, L. S. *Pensamento e linguagem*. 3.ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.